



A casa urbana tradicional no Alentejo. Tipos, evolução e materialidade

Ana Costa Rosado | CEAACP/FCT/Campo Arqueológico de Mértola

A casa tradicional representa parte significativa dos nossos centros históricos mas é, apesar da sua relevância para o estudo da cultura dos povos, a tipologia edificada menos estudada e documentada. O último meio século trouxe consigo importantes mudanças na perspectiva das funções da casa e de que necessidades esta deve assegurar. As casas tradicionais, com pouca especialização dos compartimentos e organização interna alheia aos padrões actuais de privacidade, foram consideradas desadequadas à vida contemporânea. A rejeição destes modelos habitacionais traduziu-se no seu abandono e, posteriormente, na adaptação da espacialidade e materialidade internas da casa tradicional. Urge o registo e inventariação dos casos existentes e das próprias transformações em curso. Não apenas para memória futura, mas para formular estratégias de reabilitação urbana adequadas.

Este estudo apresenta uma análise tipológica da habitação tradicional urbana do Alentejo, dentro dos contextos territorial e urbano da região e da materialidade da sua construção. Com os objectivos de registar e estudar a casa urbana tradicional no Alentejo, esta investigação recolhe 500 casos em quatro cidades da região – Estremoz e Borba no Alentejo Central e Moura (fig. 1) e Serpa no Baixo Alentejo –, compara-os entre si e com outros já estudados nas vilas limítrofes de Castelo de Vide (extremo Norte) e Mértola (extremo Sul – fig. 2). Alia-se o levantamento arquitectónico e fotográfico in loco de mais de uma centena de casos com testemunhos memoriais dos habitantes e documentação de arquivo, tanto de obras municipais como de tombos históricos. Através da comparação dos casos documentados definem-se tipos de casa urbana, mostra-se a sua génese e evolução, assim como as influências que actuam na sua transformação.



Figura 1 (à direita) - Mouraria de Moura. © Ana Costa Rosado

Figura 2 (à esquerda) - Mértola, adaptação do edificado ao declive natural. © Ana Costa Rosado

Os modelos habitacionais alentejanos derivam das particularidades urbanas das suas vilas e cidades: das características relativas ao desenho urbano, implantação e organização da paisagem, ligadas à sua condição fronteiriça. Frequentemente localizadas em pontos altos, são circundadas por muralhas, tanto as que resistem desde os tempos da Fundação como as remodelações seiscentistas da Restauração. A concentração de cidades de fundação no Alentejo torna frequentes os tecidos urbanos que seguem as directrizes do planeamento medieval português. Mas também na transformação de núcleos preexistentes se usam eixos lineares hierarquizando loteamentos regulares de lotes mais profundos que largos. Nestas urbes, a tipologia da habitação mais frequente é aquela designada por “morada de casas” – em que cada um dos espaços da habitação tende a ser

delimitado por paredes estruturais – de dois compartimentos (fig. 3). Este tipo de habitação muito simples, quase elementar, pode ser encontrado um pouco por todo o país. As duas divisões, aproximadamente quadrangulares, podem ser acrescentadas através de processos de expansão, crescimento em altura e/ou aglutinação de novas células contíguas. Os compartimentos, designados na documentação histórica como casa dianteira e celeiro, definem a casa: um espaço para vivência e um espaço resguardado para armazenamento e repouso. Tem um vão de iluminação e ventilação, a porta da rua, e por isso é neste compartimento que se desenvolvem a maioria das actividades quotidianas, incluindo as relacionadas com o fogo (fig. 4).

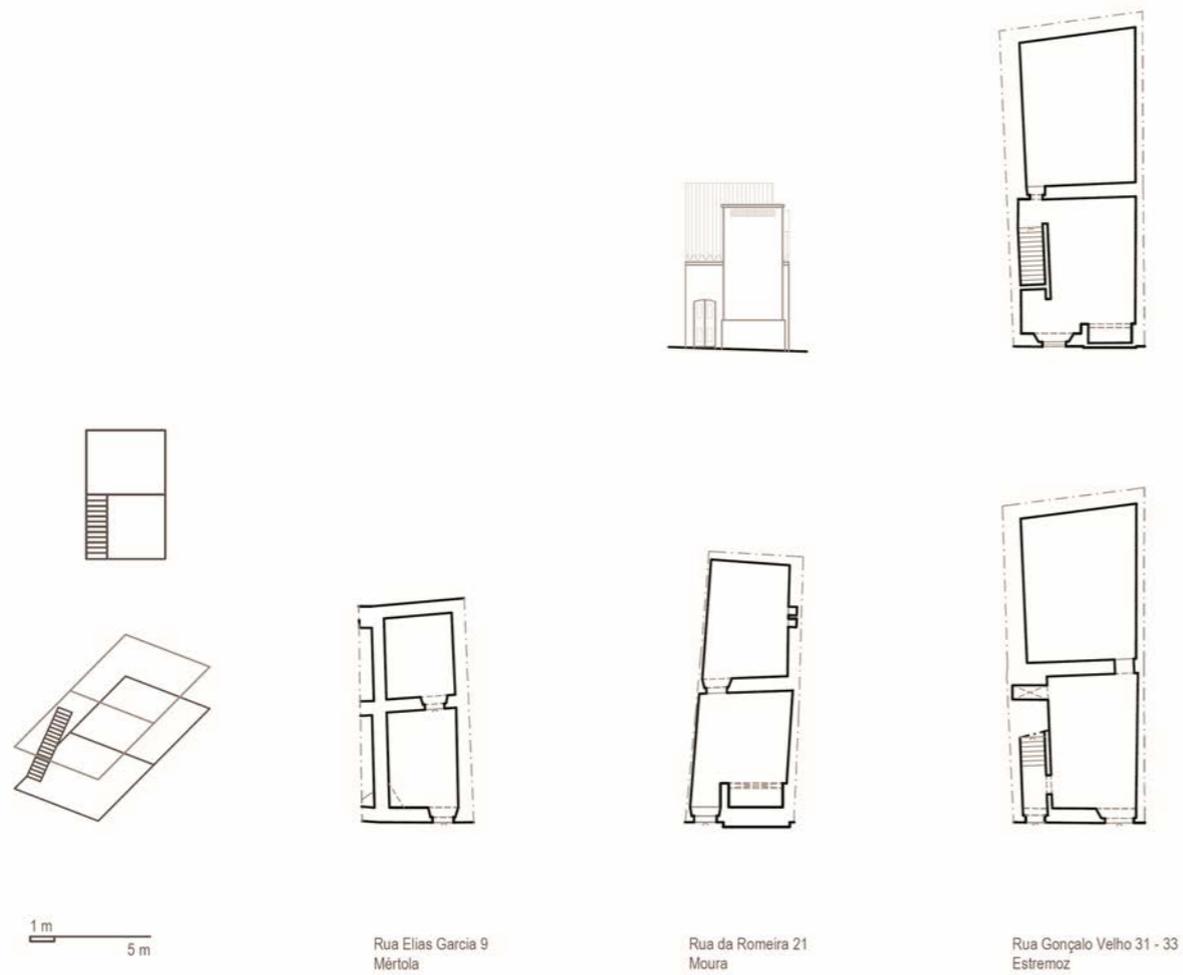


Figura 3 (à direita) - Exemplos de casas bicelulares em Mértola, Moura e Estremoz. © Ana Costa Rosado

Figura 4 (à esquerda) - Casa em Borba com chaminé de escuta na fachada. © Ana Costa Rosado



Esta casa bicelular será ampliada em profundidade e em altura, repetindo o uso de células quadrangulares e mantendo a estrutura assente em paredes de aprox. 60 cm de espessura, tanto de pedra ou taipa, dependendo da latitude. Este crescimento da casa advém da adaptação das moradias ao terreno envolvente, frequentemente em declive. O acrescento de sobrados é feito com pisos em madeira com madres e barrotes e escadas, geralmente de tiro, preferencialmente encostadas a uma das empenas laterais, não alinhadas com a entrada principal da casa (mais tarde, com separação de pisos aparecem vãos menores de acesso à escada – fig. 5). Os pavimentos mostram grande diversidade de materiais dentro da região, sendo frequentes as soluções de ladrilho sobre barrotes nas zonas setentrionais e o soalho nas zonas meridionais. Também o uso do tijolo é irregularmente distribuído. O seu uso na construção de elementos estruturais como arcos, abóbadas e abobadilhas é frequente no Alentejo Central (fig. 6) e generalizado na margem esquerda do Guadiana (Moura e Serpa – fig. 7). Em Mértola, por exemplo, são inexistentes na arquitectura doméstica. Nos espaços residenciais são mais frequentes as abobadilhas que constituíam uma solução mais leve e económica (com utilização de menor quantidade de material).

Figura 5 - Casa em Estremoz com portal gótico e chaminé no primeiro andar. © Ana Costa Rosado



Figura 6 (à direita) - Abóbada de tijolo em Borba. © Ana Costa Rosado

Figura 7 (à esquerda) - Abóbadas rebocadas em Serpa. © Ana Costa Rosado

O processo de crescimento e transformação da casa vai resultar em soluções mais complexas, que aglutinam vários lotes, acabando progressivamente por separar, em termos funcionais, os espaços de comércio, arrecadação e produção no rés-do-chão – lojas, armazéns, adegas etc. – dos espaços de vivência familiar nos pisos elevados. A diferenciação das habitações por classes sociais não se reflecte em sistemas de construção distintos, mas numa maior escala das edificações (por aglutinação de mais parcelas – fig. 8) e na nobilitação estilística do primeiro andar e da fachada, através do uso de janelas de sacada, gradeamentos, cimalkhas e beirados trabalhados. A cozinha tende a deslocar-se para tardo, libertando a fachada principal para os espaços sociais de estadia e recepção.



Figura 8 - Planta do rés-do-chão da Rua do Arco de Santarém (sul) em Estremoz. © Ana Costa Rosado

Progressivamente, as “moradas de casas” em que casa divisão é delimitada por paredes estruturais são substituídas por modelos de construção ligeiros, ou, combinando os dois modelos, mistos. A crescente especialização dos compartimentos leva à introdução de divisórias não estruturais como tabiques, adobe ou ladrilho, complementando o uso de paredes portantes (fig. 9). É recorrendo a estas soluções que o uso de corredor e outros espaços de distribuição se generaliza. Uma nova introdução de materiais, mais perniciososa para a estabilidade do edificado tradicional, acontece no séc. XX com a substituição de madeiramentos estruturais de pisos e coberturas por vigas ou lajes de betão armado, muitas vezes sem que esse aumento de carga seja tido em conta na integridade estrutural do edifício.

Actualmente, a transformação das edificações destes núcleos urbanos segue, em geral, a tradição das alterações experimentadas anteriormente, com variações no parcelário através de aglutinação de parcelas vizinhas ou apenas compartimentos vizinhos para aumento de área. Estas são simultaneamente reversíveis quando se pretende diminuir a área da habitação, como é visível na abertura e fecho de portas e arcos. A versatilidade deste sistema (onde se mantém a base celular de composição) confere uma flexibilidade ao tecido construído em resposta às mudanças do tecido social e das estruturas familiares.

Figura 9 - Casa em Moura com paredes portantes e tabique. © Ana Costa Rosado

